

COLONIZADOR E COLONOS: NA FRONTEIRA DA TERRA O LIMITE DOS SONHOS DE UM FUTURO PROMISSOR

ROSANE DUARTE ROSA¹, CLAILTON LIRA PERIN² e ROSALVO DUARTE ROSA³

RESUMO - O município de Alta Floresta- MT situado na Amazônia norte Mato-grossense foi colonizado na década de 70. Neste local, a colonizadora INDECO, encontrou as condições ideais para instalar um projeto que deveria assentar pequenos agricultores da região sul (colonos) que estavam enfrentando problemas nas suas terras de origem. Esse projeto foi construído sobre o tripé Educação / Trabalho e Religião onde a família era a célula fundamental. Com o intuito de preparar os colonos para se fixarem e permanecerem nesta região, a colonizadora promoveu um processo formativo que transcendeu o espaço escolar. No entanto, as escolas também tiveram um papel fundamental neste processo, posto que, as mesmas foram projetadas e organizadas para atuarem como lugar de acolhimento e formação integral de toda a população urbana e rural. As presenças dos professores, padres e técnicos agrícolas eram constantes na escola que dimensionava a estruturação e organização das comunidades. Além disso, o colonizador, Sr. Ariosto da Riva e sua família participavam ativamente dos eventos comemorativos e até mesmo do dia a dia do colono. Assim a cada instante o laço que unia esses homens se fortalecia e formava uma nova cultura destinada a manter o colono na terra para que, tanto o quanto mais que viessem, fossem englobados e incorporados ao projeto como se este fosse o seu projeto de colonização.

Termos para indexação: Amazônia, colonizadora, comunidades, educação.

COLONIZER AND COLONISTS: IN THE BORDER OF THE LAND THE LIMIT OF THE DREAMS OF A PROMISING FUTURE

ABSTRACT - The city of Alta Floresta situated north of the Mato Grosso Amazon, was colonized at the 70s. In this place, the INDECO colonizer founded the ideal conditions to install a project for settling small farmers – called “colonos” - from the south of Brazil, who were facing all sort of problems within their areas of origin. This project was built based on a education, employment and religion, having family as a fundamental cell. With the aim of preparing the “colonos” to become residents and flourish at the region, the company promoted a formation process that overcame academic approaches/concept/horizon. However, schools had also a key roll within that process, notice being themselves projected and organized to act as shelter, and be the place for development of integral formation of both, urban and rural population. The presence of professors, priests and agricultural technicians were constant within schools, working on local communities organizational dimensioning and structuring. Besides that, the owner of the project – the “colonizer” - Mr. Ariosto da Riva and his family, actively took part of commemorative events and “colonos” daily work. Thus the ring bounding those men became stronger and a forget a new culture, directed to keep the “colono” in-land so that would be like, as many as come by, project enclosing and incorporation occur as if it was their own colonizing project.

Index Terms: Amazon, colonizer, communities, education.

¹ Profã., Depto. Biologia, M.Sc. História da Educação, Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Rodovia MT 208, Km 147 C.P. 324, CEP 78580-000, Bairro Jardim Tropical, Alta Floresta-MT. E-mail: rosane.rosa@unemat.br

² Prof., Depto. Eng. Florestal, Especialista em Educação Ambiental, UNEMAT-Alta Floresta.

³ Biólogo, Especialista em Educação Ambiental, UNEMAT-Alta Floresta.

INTRODUÇÃO

O projeto de colonização de Alta Floresta foi considerado como um modelo de colonização privada devido ao sucesso¹ que o mesmo obteve quando comparado aos projetos de assentamento do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA) na região norte Mato-grossense. Estudar este projeto tem possibilitado reflexões a cerca de uma realidade histórica que se constitui numa particularidade, mas que se integra e articula-se com o todo, recebendo influências e influenciando a história dos homens. Ao demonstrar que Alta Floresta, enquanto uma pequena comunidade, produz no seu interior relações sociais que denotam a formação da identidade do colono com a Amazônia Mato-grossense, estar-se-á proporcionando, a escrita de mais um capítulo da história de luta pela posse da terra.

Este ensaio pretende demonstrar que durante o processo de colonização houve a preocupação do colonizador em realizar a preparação dos colonos para enfrentarem todas as dificuldades e assumirem um vínculo com a sua nova morada, ou seja, a formação de uma identidade do colono do sul para com a Amazônia Mato-grossense. Para entender o que significou este processo capaz de preparar um “colono ideal”² é necessário fazer uma contextualização histórica demonstrando como se planejou, organizou e foi implantado este projeto de colonização. A partir daí dimensionar as relações que aí se estabeleceram entre colonos, colonizador, padres, professores e técnicos possibilitando a articulação entre o tripé Educação-Trabalho-Religião.

Esse processo formativo do colono ocorreu nas relações que se estabeleceram dentro e fora do projeto e que ultrapassaram as relações escolares, pois esta formação não se restringia apenas ao ambiente escolar, mas atingiu todos os espaços sociais onde os colonos foram levados a construir uma nova identidade social.

¹ O sucesso atribuído à colonização privada de Alta Floresta se deu em função do mesmo promover a ocupação total da área em curto espaço de tempo e com a fixação dos colonos nas propriedades. Nos primeiros cinco anos de existência todas as propriedades já haviam sido vendidas, ocupadas e documentadas, ao passo que nos assentamentos as propriedades ocupadas eram abandonadas por falta de infra-estrutura. Diante desse contexto o projeto de Alta Floresta, por oferecer uma cidade com infra-estrutura mínima, atendia as necessidades básicas dos colonos, além de contar com o colonizador e sua equipe de trabalho. *“Dez anos depois de sua fundação, Alta Floresta já era um sucesso. E Ariosto da Riva figurava nas manchetes dos principais jornais e revistas do Brasil como o homem da reforma agrária.”* (REVISTA TERRA, 1999: p.46).

² O colono do projeto de Alta Floresta é o descendente dos colonos europeus que colonizaram o sul do país e que num processo de contínua busca pela posse da terra, colocou suas esperanças no Norte Mato-Grossense, como mais uma possibilidade de encontrar afinal a sua terra. Segundo Bordieu, citado por Amado & Ferreira (1990:p.186) *“Esse termo, em sua trajetória, apresenta alternâncias, ora com cargas estigmatizadas, de fora, e ora como autovalorização, análogo aos usos manipulativos da categoria povo estudado por, convertendo estigma em emblema”*. Existem características peculiares a sociedade camponesa como: o trabalho familiar, uma economia doméstica, onde a terra é o principal meio de sustento; e a ocupação de uma posição subalterna na sociedade

A escola não pode ser considerada como único ambiente de formação do colono, mas sem dúvida ela teve uma função muito importante dentro do projeto. Neste espaço de divulgação do saber, o colonizador falava diretamente com os colonos e principalmente com os filhos dos colonos. O discurso do colonizador era marcado pela sua capacidade de fazer todos acreditarem que Alta Floresta era a terra prometida, um lugar de redenção, onde todos que ali estavam poderiam considerar-se agraciados. Entretanto esse sucesso atribuído ao projeto não se estendeu a todos que participaram da ocupação desta região. Índios, garimpeiros e outros, que não se enquadravam nos moldes da colonizadora, como candidatos a adquirir uma propriedade de terra, foram tratados com hostilidade e a insistência em permanecer na área do projeto rendeu-lhes agressões tanto verbais como físicas.

Diante desta análise do processo de colonização, é possível compreender como as pessoas (colonos) foram usadas para construir um modelo de colonização que na década de 80 figurava como uma resposta para os problemas de reforma agrária no país. Isso porque houve uma convergência de fatores que levaram a união dos objetos pessoais tanto dos colonos como do colonizador em tomarem para si um lugar que acenava com a possibilidade de se adquirir riquezas com o uso da vastidão das terras.

Contextualização Histórica

Situado ao extremo norte do Estado de Mato Grosso à 800 km da capital Cuiabá, no início da colonização possuía uma área de 1.100.000 ha. Fazendo limites ao norte com os Estados do Pará e Amazonas e ao sul com os municípios Colíder e Juína- MT, esse espaço pode ser considerado como um paraíso ecológico pela riqueza da sua biodiversidade e localização que caracteriza a região como o encontro de dois ecossistemas: o cerrado e a floresta amazônica. Este foi, até duas décadas atrás o habitat de animais selvagens, grande variedade de peixes, plantas exóticas e de grande porte com rara beleza que conviviam com os indígenas³ numa sincronia pela sobrevivência e manutenção de vida. Este cenário é complementado ainda pelos rios Teles Pires e Juruena que em sua confluência originam o rio Tapajós.

³ Dentre as tribos que habitavam esta região estão os povos Kayabi e Kreen- Akarôre. Segundo Preti (1993, p.65) diversas expedições foram feitas nesta região nos anos de 1971 e 1973. A construção da BR 163 ligando Cuiabá- MT a Santarém-PA, foi um dos agravantes pois o contato com os índios tornou-se inevitável, assim como a sua posterior expulsão, por causa da instalação dos projetos de colonização Privada no Norte Mato-grossense. Além dessas tribos foram contactados ainda, na região, outros povos como Jurema, Auyá, Trumai, Trição, Aurá e Txukahamãe.

No início dos anos 70 a empresa Indeco começou a realizar expedições à região para fazer pesquisa sobre a fertilidade do solo e a possibilidade de se implantar um projeto de colonização. Enquanto essas pesquisas eram realizadas o governo do Estado de Mato Grosso planejava a ocupação desta região em conjunto com INCRA. Devido aos problemas ocorridos anteriormente nos assentamentos oficiais dos Estados do Pará, Amazonas e Rondônia, em relação ao abandono das terras pelos colonos, o governo do Estado optou pela colonização dirigida, ou seja, a colonização privada.

Deste modo foram colocadas à venda pelo edital de concorrência n.º 03/73 de 25/07/73, para fins exclusivos de colonização, 2.000.000 ha de terras devolutas estaduais, localizadas no município de Aripuanã-MT⁴. A INDECO S/A⁵ participou do processo de licitação e adquiriu 400.000 ha de terras o qual somou a área comprada anteriormente de uma empresa privada. Foi neste local que a colonizadora instalou o projeto, destinado a ocupação imediata e total das terras pelos colonos, mediante a comprovação da fertilidade do solo e implementação da infra-estrutura básica. Esse processo de ocupação foi realizado de forma ordenada e seletiva, controlando a entrada e permanência dos habitantes nas terras que pertenciam a empresa de colonização. Para efetivar esse controle, a INDECO, usou de muitas ações e atitudes, às vezes até de força, para ocupar essas terras e criar um ambiente favorável à adaptação e fixação do colono. Dentre essas ações estava a entrada controlada das pessoas, realizada por meio de uma balsa no rio Teles Pires, onde só tinha acesso os compradores de terra ou funcionários e/ou pessoas autorizadas pela INDECO.

O processo de ocupação foi dividido em três etapas, sendo inicialmente construída uma estrada⁶ até o local das instalações do escritório da empresa e da cidade. Na segunda etapa foi realizada a tomada de posse da terra que consistiu na expulsão dos índios e posseiros e na abertura da mata, derrubando a floresta para ali construir as instalações necessárias à administração, serviços da empresa e demarcação dos lotes de terra a serem comercializados. No terceiro momento ocorreu a escolha do perfil de quem deveria participar do processo de colonização, ao mesmo tempo em que era estruturada a propaganda destinada a essa clientela específica. Após a escolha dos futuros compradores das terras, os colonos do

⁴ Dados obtidos juntos a CODEMAT (Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso), órgão responsável pelos Projetos de Colonização do Estado.

⁵ INDECO – Integração, Desenvolvimento e Colonização. Empresa responsável pelo Projeto de Colonização de Alta Floresta.

⁶ A estrada partia da BR 163 em direção Norte, passando pelo Rio Teles Pires, até a cidade de Alta Floresta, numa distância de 148 km. Atualmente essa estrada passou a ser a rodovia estadual – MT-208.

norte do Paraná⁷, a propaganda foi amplamente divulgada por meio de slides com fotos descritivas da região.

No ano de 1976 com a finalização da construção da estrada chegaram os primeiros colonos que encontravam na pequena vila, o barracão da INDECO com instalações administrativas e alojamentos, um posto médico, uma mercearia e a construção da escola, de igreja e do hospital em estágios bem avançados.

Neste período, Alta Floresta que era considerada apenas um distrito de Aripuanã tornou-se município, daí em diante um pólo atrativo para os colonos que chegavam em número cada vez maior, adquirindo suas propriedades e aí construindo uma nova vida, seja pela condição de trabalhadores rurais ou pelo menos em relação ao lugar que além das dificuldades costumeiras, ainda oferecia características (problemas) bem particulares como a localização, acesso e meios de produção da sua própria subsistência.

Apesar da direção tomada pela cidade seguindo as perspectivas do empresário Ariosto da Riva, em direcionar o projeto para o assentamento de agricultores, um fato veio mudar significativamente a vida dos Altaflorestenses: a descoberta do ouro nos anos 80. Ao descobrir que as terras possuíam ouro, os garimpeiros invadiram o projeto. Inicialmente eram apenas uns poucos, depois dezenas, centenas e até milhares de garimpeiros que chegavam do Sul do Pará e da região Nordeste. O colonizador usou de todos os meios, como o controle de entrada e saída das pessoas do projeto, e em alguns casos até o uso da força para impedir que seu projeto fosse alterado, no entanto a multidão não foi contida e durante um período de 10 anos os colonos conviveram e/ou tornaram-se garimpeiros até que o ciclo do ouro acabou. A queda do ouro possibilitou o retorno da agricultura como base econômica, que associada a produção de gado de corte, fez o projeto da INDECO vencer os entraves e retomar a sua direção mantendo a sua finalidade primordial que era manter o colono na terra colonizada.

Todo o projeto foi construído sobre o tripé Educação/ Trabalho e Religião no qual a família era a célula fundamental. Assim presenças como a dos professores, padres e técnicos agrícolas eram constantes na organização das comunidades, bem como, a presença

⁷ Segundo o Sr. Ariosto da Riva (empresário e colonizador) proprietário da INDECO S.A “Colonização se faz com terras férteis e colono ideal” assim a escolha do colono do Norte do Paraná se deve a situação ali vivida em função dos conflitos de terra e dos prejuízos causados pela geada de 1975. Esses fatos, associados à condição destes pequenos proprietários se constituíram numa população de imigrantes de outros Estados e com a natureza voltada para a abertura de fronteiras agrícolas, deu-lhes o título de “colono ideal”.

do Sr. Ariosto da Riva, e de sua família em todos os eventos comemorativos ou mesmo no dia a dia do colono.

As formações religiosa, educacional e técnica foram direcionadas à preparação do colono para o trabalho como forma de união, socialização e adaptação a nova propriedade. Ao lado da comercialização das terras havia toda uma estrutura que possibilitava não só a permanência do colono, mas a deste se tornar um defensor do projeto e de divulgá-lo em todos os locais que pudesse atingir, como em passeios, cartas ou depoimentos. Construído sob o mérito do trabalho o projeto de colonização criou nos primeiros colonos uma identidade tão forte que fazia todos se sentirem donos de cada tijolo que se levantava numa construção, de cada árvore que se plantasse, enfim de cada espaço que o homem construísse com sua força de trabalho.

Essa identidade era reforçada constantemente, o que tornava quase impossível o abandono da terra. Assim, a cada instante, o laço que unia esses homens corajosos e/ou teimosos se fortalecia e formava uma nova cultura destinada a manter o colono na terra para que, tanto o quanto mais que viessem, fossem englobados e incorporados ao projeto como se este fosse o seu projeto de colonização.

As Relações Sociais dos Colonos

Uma das questões pertinentes à colonização privada de Alta Floresta é sem dúvida, de como se deu a formação do colono, ou seja, como ocorreu e ainda ocorre a educação do mesmo, para que este se adaptasse e permanecesse em terras tão distantes do seu local de procedência e sob condições tão adversas.

Dentro desta perspectiva, sobre a formação do colono é preciso retomar uma questão primordial que foi a escolha do “colono ideal”. A escolha do colono do norte do Paraná não foi feita ao acaso, na realidade este era o colono perfeito, pela sua tradição, ou seja, por esta região ter sido colonizada anteriormente e assim ter recebido migrantes de todas as regiões do Brasil. Acostumado a mudanças e a enfrentar situações difíceis de sobrevivência e sobretudo, obstinado ao trabalho de abertura de fronteiras agrícolas, esse colono foi considerado como elemento adequado à idéia do colonizador para fazer parte do projeto, ou melhor, para fazer este acontecer.

Além da tradição, o colono para trabalhar no projeto precisava adquirir um lote de terra e tornando-se proprietário tinha de produzir para sua subsistência e para

comercializar o excedente. A INDECO vendia as terras e depois comprava a produção criando um círculo, no qual muitas vezes, o produtor pagava parte do valor das terras com a própria produção. Diante desta realidade, podemos dizer que as relações estabelecidas dentro do projeto, desde a aquisição das terras até a produção, era controlada pela colonizadora, assim como a sua comercialização posterior. Em função desta situação é lícito dizer ainda que as relações sociais eram mediadas pela colonizadora e seus funcionários, que formavam uma equipe de trabalho composta por vendedores de terras que atuavam no sul do país e de profissionais que indicavam o que deviam plantar e como realizar a comercialização dos produtos. Além disso, a empresa sempre contou com a participação do padre, dos professores, artistas e demais colaboradores do projeto.

Apesar da importância dada ao trabalho como forma de estabelecer vínculo com a terra, havia outras estratégias como as festividades que reuniam a população urbana e rural. Durante estes eventos todos se dirigiam à rua principal, no intuito de festejar o aniversário da cidade, datas comemorativas do calendário oficial, festas religiosas e aniversário de autoridades, sendo o ponto de partida para essas festividades a escola ou a igreja.

Nestes encontros a figura do colonizador e de sua família eram constantes, onde o mesmo fazia questão de citar frases que se tornaram refrão e que todo o povo repetia incansavelmente em qualquer lugar ou situação. Frases como **“Alta Floresta é uma grande família”**. **“Aqui estamos realizando um sonho que foi meu, mas agora é nosso”**. **“Nós somos bandeirantes do século XX e estamos construindo uma cidade no meio da selva Amazônica”**. Palavras que o tempo não apagou, pois ainda emocionam aqueles que vivenciaram as dificuldades daqueles tempos de chegada, depois a construção e finalmente o estabelecimento dentro do projeto.

Todos esses momentos demonstram que nesse processo de colonização, havia uma preocupação constante com o pensamento do colono sobre o projeto e qual a importância que o mesmo dava a sua nova morada. Na escola, o currículo escolar era acrescido de atividades que preparavam não só os colonos, mas também seus filhos para permanecerem junto dos pais, trabalhando na agricultura. Apesar de ser um local onde poderíamos identificar rapidamente a preocupação com a educação formal dos filhos dos colonos, é preciso lembrar que segundo Kuenzer (1988), o saber não é produzido na escola mas no interior das relações sociais em seu conjunto; é uma produção coletiva dos homens em sua atividade real, enquanto produzem as condições necessárias a sua existência através das relações que estabelecem com a natureza, com outros homens e consigo mesmo.

Mesmo que a preparação do colono não se restringisse ao espaço escolar, esse ambiente foi sem dúvida um lugar muito especial no projeto de colonização. A escola tinha uma função específica que nada mais era do que a de divulgar o saber produzido por pessoas ligadas à empresa INDECO ou pelo próprio colonizador, sobre a importância da ajuda de cada colono na construção de uma nova sociedade. Aliás, cabe aqui uma análise do próprio termo “novo”, pois tudo o que se refere à Alta Floresta sempre recebeu à frente este jargão exprimindo assim o desejo de que fosse esquecido o passado e que a vida das pessoas, deveria ter seu começo no momento em que chegaram em Alta Floresta. A pretensão do abandono da sua história, dos seus costumes e de tudo em função de uma “nova” identidade conduzia a proposta de formação de um novo homem: “o colono de Alta Floresta”.

A Função da Escola na Formação Do Colono

Considerada uma das necessidades básicas para o assentamento das famílias dos colonos, a escola sempre foi prioridade no projeto de colonização. Desde a propaganda, já era destacado que os filhos dos colonos teriam como dar continuidade em seus estudos. Isso se evidencia neste relato de Ariosto da Riva

“... o que eu acho importante mesmo é que dei a oportunidade das famílias se reunirem aqui. Eu tinha colono com filho esparramado por este país afora, filho em São Paulo, filho no Rio, filho não sei mais aonde ... e hoje, conseguiram arrebanhar toda família pra cá, juntando toda a família aqui. Afinal temos trabalho, escola e tudo o que precisar para toda a família”(GUIMARÃES NETO, 1986: p.106).

Nesta fala do colonizador se entende o porquê da educação escolar ser considerada como importante colaboradora do projeto de colonização. Isso explica o fato de se ter investido desde o princípio na construção de escolas, tanto na zona urbana quanto na rural, como forma de incentivo para a venda das terras. No entanto, as escolas sempre permaneceram a cargo do Estado e do Município, mas recebendo a colaboração da INDECO na construção e no pagamento de ajuda de custo aos professores.

Assim, as escolas desenvolveram suas atividades de acordo com as instruções da Secretaria Estadual de Educação (SEE), o que caracteriza uma forma de direcionamento para a educação que não transparece nos cadernos dos alunos, registros de atividades dos professores ou mesmo no currículo escolar. A escola tinha uma função social que se explicitava pelas relações sociais que ocorriam no seu interior.

A preocupação em manter o colono na terra precisava de ações eficientes e desse modo a escola foi por seu caráter de “neutralidade”⁸ considerada como local ideal para o repasse da ideologia da colonização. A escola exercia uma função social que ultrapassava os limites das relações de aprendizagem professor-aluno, ampliando para a vida, segundo Sr. Benjamim de Pádua, responsável pela organização do sistema escolar.

As escolas foram fundadas sempre em um processo de preocupação e uma comunidade, na qual o pessoal, num raio de 8 quilômetros podia se juntar no centro comunitário e ouvir a mensagem do colonizador que se transformou em pai. O pessoal trata mais como pai do que de patrão. Além disso, ninguém entendia nada de Cacau, mas nessas comunidades os técnicos da CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) ensinavam para o pessoal o plantio do cacau, etc... Nessas comunidades o pastor protestante, se houver protestante, vai fazer o culto e o padre católico reza a missa para o pessoal. Eles se reúnem e elegem o seu presidente, seu tesoureiro, seu secretário. Sentem-se unidos e criam outra vez a família, é o que talvez eles não tivessem mais lá, judiados pela seca, pela geada, pelos interesses que estavam sendo desestruturados (GUIMARÃES NETO, 1986: p. 110).

É exatamente essa neutralidade que jamais existiu na formação do colono, pois o colonizador sabia muito bem o que ele queria e melhor ainda sabia como conseguir que seu cobiçado projeto se tornasse uma realidade. A escola como espaço de produção do saber científico tornou-se o viveiro de mudas de café, a casa para festas, reuniões e demais eventos que servissem de pretexto para reunir toda a comunidade. Essas pessoas, objetos, ações deram a escola um caráter comunitário de acesso democrático e possível a todos. Não só em relação ao espaço ocupado por determinada comunidade, mas sim por todo o projeto de colonização.

A idéia de posse, de habilidade para o trabalho, de coragem, de se constituírem em seres predestinados ao sucesso e a glória era reforçada em todos os encontros dos colonos entre si e/ou com o colonizador. No entanto, apesar do discurso enfático do colonizador e de seus pares de que o sucesso da colonização era de todos, muitas pessoas sofreram pressões e até foram expulsas do projeto por não compartilharem do mesmo pensamento. Exemplo disso é o que ocorreu com os garimpeiros, que por diversas vezes foram expulsos pelo colonizador, depois pelos colonos e finalmente pela polícia federal e até o exército. Além disso, pode ser citado ainda o caso dos índios, que foram expulsos/encaminhados para reservas distantes do seu local de habitação por causa da construção das estradas.

⁸ No projeto de colonização a escola era considerada como neutra, por se constituir num ambiente aberto onde todos freqüentavam independente de credo, raça ou sexo.

Neste contexto se deve analisar ainda os próprios colonos, mesmo que a colonização se destinasse a eles e que tudo fosse feito para que permanecessem no projeto, estes homens, mulheres e crianças, nem sempre partilharam do sucesso da colonização. As doenças, as dificuldades criadas pelo isolamento, os problemas com a produção agrícola⁹, os colocavam a mercê de uma terra inóspita, mas que agora era a sua única chance de sobreviver.

Considerações Finais

O Senhor tem razão, não são os planetas que importam são os camponeses. E o senhor não me venha com a beleza dos fenômenos que o tempo redourou! O senhor sabe como a ostra margaritifera produz a sua pérola? É uma doença de vida ou de morte. Ela envolve um corpo estranho intolerável para ela, um grão de areia, por exemplo, numa bola de gosma. Ela quase morre no processo. A pérola que vá para o diabo. Eu prefiro a ostra com saúde. A miséria não é condição das virtudes, meu amigo. Se sua gente fosse abastada e feliz, aprenderia as virtudes da abundância e da felicidade. Hoje a virtude dos exaustos nasce da terra exausta, e eu abomino isso. (Galileu apud Brecht, 1996:p.40).

A opinião de Galileu em relação à sociedade e o uso do conhecimento, tem muito de parecido com o que se fez em relação ao uso da educação para a adaptação do colono na abertura de uma nova fronteira agrícola. Se utilizarmos esta analogia para comparar o colono com a ostra e o projeto de colonização com a pérola podemos entender que o processo que quase elimina a ostra é fundamental para que a pérola surja com toda a sua beleza, pois, em função das conquistas não se pode esquecer a dimensão que estas atingem nas vidas humanas. Fatos que ocorreram quando o poder do convencimento faz o colono e/ou o garimpeiro acreditarem que era nobre e sinal de bravura e coragem doar a vida para que o progresso acontecesse. E o que dizer dos Índios?

É preciso romper com a imagem de um ideal coletivo que ultrapassa todos os limites da responsabilidade com a vida deste mesmo coletivo. O processo de construção do município de Alta Floresta, através da iniciativa privada, com certeza teve momentos em que os colonos se viram diante não somente do sacrifício da própria vida, mas também da vida dos seus familiares. Mas se a realidade era tão adversa por que insistiram em fazer que o projeto acontecesse? Por que não foram embora?

⁹ Dentre os problemas enfrentados pelos colonos podemos citar: o plantio de culturas inadequadas para a região.

São essas questões que se procura responder quando se analisa o processo de colonização de Alta Floresta e que, a cada dia, tanto na teoria como na observação de fatos empíricos trazidos pela memória de um passado que insiste em estar sempre presente, tornam-se mais claros a força de uma mão invisível agindo sobre o colono em seu jeito de ser e de viver. Uma invisibilidade que começa a ser colocada a prova quando se entende as relações que se desenvolveram dentro deste processo, onde de um lado estava os interesses do colonizador e do outro os dos colonos. Vale lembrar que o colono ideal possuía todas as condições de ser o colono do projeto de Alta Floresta, e que o mesmo não teve uma atitude passiva diante do processo educativo, pois esta era a condição que se impunha para sua sobrevivência. A construção de sua nova identidade social era também a possibilidade de esquecer os insucessos e desventuras vividas anteriormente.

Estudar esse processo, sob a ótica da compreensão da dimensão das relações pedagógicas, no processo de formação do colono é uma das formas de se compreender o exercício do trabalho. A forma como o homem produz a sua existência, continua a ser a grande questão, posto que as relações são dimensionadas pela forma que se organiza o mundo do trabalho. Isso, de acordo com Marx (1978), ocorre porque “o homem vive do trabalho, precisa do trabalho e já não tem mais nenhum controle sobre ele”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, J.; FERREIRA, M.M. **Uso e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio Vargas, 1990, 277p.

BRECHT, B. **A vida de Galileu**. São Paulo: Atlas, 1996. 75p.

GUIMARÃES NETO, R.B. **A lenda do ouro verde**. Cuiabá: Edufimt, 1986. 177p.

KUENZER, A.Z. **Educação e Trabalho: Questões teóricas**. Brasília: UNB, 1988. 175p.

JATENE, H. **Reabertura da fronteira sob controle: a colonização particular dirigida de Alta Floresta**. 1983. 143p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Campinas, Campinas.

MARX, K. **O Capital**: Livro I. Trad. de Eduardo Sucupira Filho. São Paulo: Ciências Humanas, 1978. 306p.

_____. **A Ideologia Alemã**: I Feuerbach. 5.ed. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: HUCITEC, 1986. 190p.

PRETI, O. **A colonização oficial em Mato Grosso**. Cuiabá: Universitária, 1993. 290p.

REVISTA TERRA. São Paulo: Editora Abril, Ano 8, n.4, edição 84, 1999. 86p.

